

## ENTRE O MÉDICO E O PROFESSOR: MEDICALIZANDO O ESPAÇO ESCOLAR NA CIDADE DE PATOS-PB (1922-1945)

Erik Amarante<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar, no contexto das modernizações e dos ares higienistas que se iniciaram nas décadas do século XX, as práticas de modelações do corpo e da mente de crianças e jovens que atuaram como agentes propagadores desses discursos na cidade de Patos-PB dentre os anos de 1922 e 1945. Tendo como eixo norteador o entendimento das práticas médicas no espaço escolar, buscamos perceber, como esses discursos circulavam juntamente com algumas práticas da pedagógicas. Para tanto, garimpamos a documentação dos arquivos do Colégio Cristo Rei e Colégio Diocesano de Patos, ambas instituições citadas em vários manuais didáticos, revistas que circulavam no período estudado. Sobre elas, buscamos dialogar, como os preceitos pedagógicos eram veiculados pelos médicos nesse período e postos em prática por professores e professoras. Através do saber médico-pedagógico, e o diálogo viabilizado pela História Cultural, buscamos entender como as diversas categorias sociais reagiram a esse processo, pensados por muitos, como uma prática civilizatória.

**Palavras-chave:** Medicalização, higiene e educação.

### ABSTRACT

This article aims to analyze, in the context of modernization and hygienists air that began in the decades of the twentieth century, the body modeling practices and minds of children and young people who acted as propagators of these discourses in the city of Patos-PB from the years 1922 and 1945. With the guiding principle understanding of medical practices in the school environment, we seek to realize, as these discourses circulated along with some of the pedagogical practices. Therefore, we have searched the documentation files of the Christ the King College and College Diocesan Ducks, both institutions cited in many textbooks, magazines that circulated during the studied period. On them, we seek dialogue, as the teaching precepts were served by doctors in this period and put into practice by teachers and teachers. Through medical-teaching, and dialogue made possible by the Cultural History, we seek to understand how different social groups reacted to this process, thought by many as a civilizing practice.

**Keywords:** medicalization, hygiene and education.

### INTRODUÇÃO

A medicalização social diz respeito ao “processo pelo qual os indivíduos são levados a se submeter à normalização médica, de uma forma que qualquer aspecto de sua vida torna possível a ser regulado pelo discurso médico” (HORA, 2000, p. 03). A vida passa a ser disciplinada pela ordem médica, que teorizava para si e para o outro a necessidade de um projeto civilizador e na costura nas práticas normativas das ideias médicas saneadoras, projeto esses que configuraria o novo homem brasileiro, saudável e educado para o progresso da nação brasileira dos anos 1920. Foram nas primeiras décadas do século XX que surgiram no Brasil, em especial na Paraíba, e, por fim, na

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Faculdade Integrada de Patos (FIP). Atualmente é professor do Ensino Básico.

cidade de Patos, iniciativas de movimentos pedagógicos na área da saúde escolar. Com o objetivo de ditam para esta, novas posturas sociais e escolares na tentativa de moldar os hábitos tradicionais anti-higiênicos que facilitavam as proliferações de doenças.

Os iniciadores desses movimentos, encontraram nas escolas um grande aliado nesse projeto, transformando os professores em agentes de combates as doenças, sendo chamado de *médicos-pedagogos* (DÁVILA, 2006). A isso nos lembra, Oliveira (2014):

Uma sociedade limpa e corpos sanados justificaria a progresso de uma sociedade ou de um povo: “A formação adviria de tudo que poderia emergir na nossa inserção biológica no mundo. [...] Por isso é constante em periódicos educacionais do final do século XIX ênfases tais como na educação da vontade, para a paz, do desejo a paz, do desejo da mulher, para o trabalho, estética ou físico. [...]”.

Essa nova sociedade, construída na base saneadora, trazia nos corpos e nas bases educacionais, à proposta do progresso. Assim, não inserir-se a esse projeto, sobretudo, significaria transportar para o Brasil e para o sujeito, uma identidade localizada no discurso do atraso, do perigo, da degeneração da raça tendo em vista a prática de miscigenação adquirido no processo de colonização.

Em termos de saúde e doença, uma ordem dotada de racionalidade própria, onde circula um conjunto de representações que faz perceber determinados fenômenos, aqui, especificamente, na educação. Essa ação só pôde ser visualizada na Paraíba no início do século XX, através dos registros de ações decisivas para conduzir a população a uma educação higiênica. Com a institucionalização do Serviço de Higiene Pública em 1911, teve início um trabalho de divulgação de práticas higiênicas através dos jornais que circulavam na capital da Paraíba (cf. SÁ, 1999).

## **HIGIENIZAR É PRECISO**

No que diz respeito ao campo pedagógico, por exemplo, pouco se tem atentado para o papel histórico do saber-poder médico na constituição política brasileira como estratégia de hegemonia e para o quanto esse saber gera matrizes norteadoras de determinados fenômenos (cf. FOUCAULT, 2009). Vale salientar que a higienização social passava pela educação do corpo no âmbito escolar, “efetivando-se através de exercícios físicos, ginástica, cantos, jogos, e conhecimento sobre o corpo e seu funcionamento” (OLIVEIRA & PYKOSZ, 2009, p. 136), e esses saberes sociais convergiram para a consolidação do campo da educação física como área de conhecimento no Brasil desde o século XIX (cf. PAIVA, 2003). Porém em Patos, só se efetivou em 1936 nas escolas privadas e a partir da década de 1920 nas escolas públicas.

José Gondra (2004) postulou ser a escola, no século XIX, um local por direito de disseminação de doutrina. Mas, foi nas três primeiras décadas do século XX, que médicos e educadores deram as mãos para colocar em prática a cruzada higiênica que começava a ganhar forma, especialmente com a renovação pedagógica, e o surgimento da nova escola, que viam na instrução pública um espaço doutrinador do corpo. Os novos preceitos passavam a ser divulgados pelos professores, modelando os hábitos e os preceitos higiênicos. Assim, a medicina passou a medicalizar o social, ou seja, “ela ganhou uma função política de criação e transmissão de normas – uma função de direção intelectual e moral” (HORA, 2009, p. 01).

A escola passou a ser um dos domínios modelados, a exemplo da criação de disciplinas nos currículos, como a educação física, e, especialmente, no que diz respeito à formação de professores primários. O tema da higienização mirou-se nos alunos do ensino primário, pois, acreditava-se ser mais difícil ensinar novos hábitos aos adultos;

seguindo a recomendação da Fundação Rockefeller: investir nas crianças. A medicina passou a ganhar espaço dentro das escolas, tendo como foco a escola primária como principal local de atuação do serviço profilático. Combatia-se não apenas o mal estado sanitário das ruas e casas, mas também do ambiente escolar, nos jardins de infância.

Várias escolas, na cidade de Patos, em especial a *Escola Diocesana* e a *Escola Cristo Rei*, foram construídas e tomando medidas de higiene para a educação do corpo do aluno, na finalidade de conduzir o corpo desse sujeito para as bases civilizadoras. Sendo assim essas escolas, surgem, na cidade de Patos, com a finalidade de modelar e corrigir o corpo dos alunos, na adaptação desses novos costumes civilizadores, que viam no corpos dos jovens alunos, a possibilidade da lapidação, tendo nessa postura uma preparação para a introjeção dessa pratica modeladora da mente e do corpo.

Uma vez que para se ter a eficácia do projeto, fazia-se necessário a preparação da mente do sujeito, nessa ótica, se é destinado às escolas essa tarefa, que cuidaram muito bem dessas ações, assim, à escola tonava-se um lugar de disseminação do saber e do discurso médico higienista, que traduziam em suas práticas normativas disciplinadoras, através de cantos, ginásticas, e roupas, que serviam de agentes propagandistas da doutrina da medicalização do espaço social. Na cidade de Patos, essas propagações foram sendo veiculadas pelos jornais da época, e disseminada pelos médicos-pedagogos:

Uma menina bonita passa além. Bem penteada bem limpa e direitinha. Um olhar de todos sinceros ali convém. Porque a jovem que passa é probresinha. Ricas colegas com certeza têm inveja. Porque a jovem se sorte tão mesquinha. É bonita que todas aqui ali vêm. A criatura humilde e coitadinha. E a pobrezinha que passa humildemente. Cumprimentando as rivais com atenção. Elas respondem com desprezo e secamente. Sem ter da simples caridade uma noção. Apenas eu sou que lamento eternamente. Porque possuo um humilde coração (UNIÃO 1932, p. 22).

Esses grupos foram construídos nos bairros nobres da cidade de Patos, em edifícios modernos e bem estruturados, e limpos principalmente, ruas largas e arborizadas. Pois antes de tudo, construir monumentos arquitetônicos significava limpar, eugenizar e organizar a sociedade patoense. A isso, podemos perceber um prática intencional dos agentes administrativos, encabeçados, pelo estado na hora de concretizar a prática da ação civilizadora, orientada para o progresso o discurso do embelezamento da *capital do sertão*.

No entanto, as criações desses grupos escolares, tinham antes de sua transmissão dos saberes didáticos, outro discurso que lhes era próprio na época, a ideia de modernizar e embelezar a cidade, explica assim Hora (p. 06): “*No quadro de um universo urbano-industrial emergente, exige-se que a pedagogia e os pedagogos envidem esforços, no sentido de atualizar a instituições escolares em relação à modernidade capitalista*”.

Nas palavras da autora, os grupos escolares e os próprios professores deveriam acompanhar as modernidades de sua época, se esforçando ao máximo para que, tanto seus prédios, como seus próprios ensinamentos, acompanhassem o discurso modernista da época vigente.

Consideramos, que entre os anos de 1922 e 1945 tivemos o auge das ideias médicas sanitarista. A educação, por sua vez, teria como obrigação social articular e veicular os mesmos discursos em seu espaço de aprendizagem, pois como nos mostra a citação acima, a educação deveria seguir e acompanhar os discursos modernistas de sua época, pois associar educação e saúde significa higienizar a população de forma

silenciosa, com efeitos práticos na base do ensino e não na força brusca, gerando por vezes revoltas sociais, como aconteceu com o sanitarista Oswaldo Cruz e a Revolta da vacina em 1903, educando os indivíduos para a vida. “Vida é saúde, Educação é vida” (HORA, 200, p. 07).

Nessa proposta, Patos empenhou-se, por meios das duas escolas, o *Diocesano* e o *Colégio Cristo Rei*, em Promover carinhosamente a educação popular no sentido de preparar os cidadãos para o exercício regular de todas as suas múltiplas funções, desde as da procriação de gerações fortes, sadias robustas, até à defesa da pátria nos campus de lutas armada. (PAIM, Apud PINHEIRO, 2006, p 38-39).

No entanto, o ensino dos grupos escolares patoense, deveria ter como objetivo preparar o sujeito para acompanhar o processo de modernização ditada pela a elite burguesa, que reforçava esse ideário de modernização no espaço citadino, formação de indivíduos fortes e robustos que mais tarde pudessem defender com honra e orgulho a sua pátria. Com jovens, homens e mulheres antenados aos ideários modernistas, construir uma sociedade orientada ao progresso. O fator progressivo foi fortemente defendido durante as décadas seguintes 1922 e 1945 pela elite patoense, que via nesses mecanismos uma forma de desenvolver sua cidade e inseri-los à ordem e ao progresso, tanto almejado pela elite, sendo assim médicos, engenheiros e educadores, se confundia em única função: Higienizar.

Professores e médicos iam se firmando enquanto instituição propagandistas dessas teorias, defendidas pela elite local patoense

A identidade do professor foi inventada para zelar, organizar e estruturar os seus alunos enquanto pessoas moralizadoras e cívicas, com ideários republicanos, religiosos e ligados a questão da saúde, como forma de comportamentos disciplinadores ditados e redigidos pelas escolas, bem como a introdução desse discurso higienista nas escolas como disciplina fundante e de relevância inestimável nos corpos dos sujeitos. Pois, disciplinar e organizar os pequenos cidadãos traduzia na bandeira do escolanovismo. O Jornal *O Rebate*, que veiculavam na cidade de Patos, entre os anos 1930, discutia como se deveria ser um educador exemplar, tomando como exemplo uma professora modelo:

Apolonia Amorim era na verdade, uma mestre exemplar. O seu espírito sempre voltado às boas causas sociais aos problemas da instrução nesta terra onde exercia o magistério [...] Fundando escola e ensinados mocidades, queria que em cada indivíduo figurasse um educador e em cada lar um núcleo de ensino. (*O Rebate*, 1949, p. 06).

Preparar a sociedade patoense para o discurso saneador e progressista ao moldes europeus, foi uma tarefa árdua, afinal, os projetos pedagógicos, encontraria em sua fase inicial rejeições, os médicos-pedagógicos, encontrava-se imbuídos com o discurso eugênico, oriundos dos anos 30, afirma a professora, voluntaria escolhidas pela irmã para vir a cidade de Patos se envolver ao projeto progressista:

Eu me lembro, que fiquei com uma pena enorme das pobres das nossas irmãs, que seriam enviadas para lá, onde iriam sofrer tanto calor!... Pensei comigo: Eu nunca vou oferecer-me para ir para o Brasil; portanto, isto não é para mim. Isto, porque até então se procurava voluntárias para mandar para o Brasil. Eu, imbuída de um patriotismo quase exagerado, nunca ia me oferecer. Um dia de 1937, antes de me despedir definitivamente da minha casa paterna, a minha mãe me disse: “Tenho muita alegria que uma filha minha será religiosa. Mas um pedido eu lhe faço: Que nunca vá para o Brasil”. A

minha resposta decidida: “Não tenha preocupação, pois só se manda voluntárias, e eu nunca irei me oferecer”<sup>2</sup>.

A esse discurso inicial, podemos sentir a presença de uma construção teórica, daquilo que muito pesquisadores, em especial, Artur Neiva e Belisário Penna, em seu estudo eugênico da sociedade brasileira, construía para o Brasil, a do discurso da ideia do atraso, devido seu clima e as raças aqui se encontravam de forma “*degenerados*”. Momento onde médicos e professores assumiam para si e para o outro o discurso a forma de educação pública. Afirma Dávila (2006, p. 22): “Definiam as escolas como clínicas em que os males nacionais associados à mistura de raças poderiam ser curados”.

Sendo assim, professores e médicos sanitaristas, passam a atuar nos corpos e nos espaços citadinos, como agentes salvadores da pátria, o professor com seu discurso saneador e os médicos atuando como praticantes desse discurso intrometendo no corpo e nas mentes dos brasileiros dos anos XX. Criando assim nesse olhar um novo discurso higienistas, pautada da teoria da eugenia, que tinha em sua prática cinética o “aperfeiçoamento” da espécie. Suas discussões eram sempre voltadas para a ideia da raça, hereditariedade, cultura e influência do meio social. Em nota explica Dávila (2006, p. 32):

Para os brasileiros que a adotavam, a eugenia não era apenas um meio de apreçamento individuais ou grupos. Era uma forma de superar o que eles percebiam ser as deficiências da nação, aplicando uma série de diagnósticos e soluções científicas.

Todos em prol de saneamento social, para curar uma população doente e feia. As escolas por esses agentes criado e medicalizando, forneceram uma educação elementar fortemente impregnada de noções de nacionalismo, saúde, higiene, forma física e treinamentos preventivos.

Capturados por esses argumentos, as escolas do interior paraibano foram sendo construídas e adaptadas a esse contexto social. E os professores foram agenciados a esse modelo de civilização:

No dia 26 de outubro, festa de Cristo Rei, pelas quatro horas, começou a procissão para a bênção da pedra fundamental. A superiora Geral e suas companheiras foram saudadas com muito entusiasmo e VIVAS, tendo as pessoas palmas nas mãos. Homens, mulheres, jovens e crianças de todas as idades tomaram parte. Na frente estavam o Sr. Bispo, 04 sacerdotes, a Superiora Geral e suas duas companheiras. Em procissão, foi conduzida também um barril, mandado confeccionar pelo Sr. Bispo especialmente para aquele momento. Este era bem ornamentado e deveria servir para coletar dinheiro para a construção. O Sr. Bispo esperava muito dinheiro. E ele não se enganou<sup>3</sup>.

Iniciando assim, na história patoense um novo rumo nas orientações educacionais, um novo modelo pedagógico, educar de forma civilizatória e progressista orientado rumo a saudação dos corpos eugênico e limpo. O princípio culminante e essencial onde se forja o progresso, de onde se irradia o valor coletivo das nações, a força dinâmica das raças. Do mesmo modo que a eugenia “permitia” o desenvolvimento, a pujança, a beleza, a prática das virtudes, “nos emule o espírito, preparando-nos para as lutas sem trégua do destino e amando a pátria, curvando-nos antes os nossos deveres, respeitando os direitos alheios que atingiremos o ponto almejado de nossos ideais” (MONTE, 1939, p. 28).

<sup>2</sup>DONA ELITA MONTE, 1939.

<sup>3</sup> Documento de criação da Escola Cristo Rei.

Tudo nessa tentativa de estabelecer a ordem, o progresso, uma beleza, uma virtude que inscrevesse nos corpos dos alunos os deveres que eles deveriam desenvolver consigo e, conseqüentemente, para com a Nação. Alunos (sujeitos) educados, limpos, disciplinados implicavam numa sociedade desenvolvida com ideários da eugenia em busca da felicidade. As escolas da cidade de Patos, nos de 1922-1945 deveriam estar atentas a esse novo saber que produziam um corpo, uma nação. Nos lembra Soares Júnior (2015):

Nesse momento, os cuidados com o corpo da criança, de homens e mulheres passaram, no espaço escolar, a fazer parte do projeto de medicalização da escola, educação higiênica e moralização dos costumes. A escola tornava-se um lugar de disseminação dos costumes, das normas de civilização e moral que doutrinava corpos, fazia inculcar novos hábitos e via na infância o lugar para essa prática.

Nessa perspectiva, podemos ver que o corpo infantil servirá como presa fácil a essa propaganda, servindo de laboratório, tornando-se objeto de pesquisa. Que passavam por uma bateria de testes de seu desenvolvimento psicológico e físico. Nessa tentativa, vários programas educacionais foram criados, a ponto de moldar crianças e direcionar essa para o progresso nacional. A tipo, podemos destacar o programa de saúde nutricional, que tinha em suas práticas a possibilidade de criar corpos e crianças saudáveis a partir de uma alimentação saudável. Ainda existia o chamado “pelotão de saúde”, onde alunos por salas ficavam na missão de vigiar a higiene de seus colegas de sala, verificando a higiene dental, mãos, unhas e cabelos. Criando nessa teoria, uma ideia de negação do corpo do outro e da vigilância para com o corpo sujo e negligenciado, em uma política de disciplinadora desses corpos.

Essas escolas, na cidade de Patos, era com um hospital, e os alunos como seus pacientes que mereciam por esta, instituição, serem curadas das mazelas adquiridas tanto de sua raça como de sua condição ambiental. Não é sem necessária, a comparação da escola com um hospital, pois bem, antes do alunos serem matriculados nas escolas eras submetidos a uma série de exames clínicos e radiológicos, afinal boa saúde era a base do aprendizado. O Jornal *A União*, que circulava no estado da Paraíba, podemos perceber essa prática:

A secretaria do Colégio Cristo Rei, que a matrícula dos alunos tinham como pré-requisitos para investidura na escola era o “estado médico provando estar vacinado ou não ter sido affectado da varíola, e não sofrer de moléstia contagiosa ou incompatível com o magistério (*A União*, jan. 1938).

Contudo, esse lema de orientação ao progresso, do cuidado com o corpo e sua higiene total, deveria ser competência de todos, e, para que ela fosse executada de forma positiva, deveria haver a parceria dos agentes propagandistas dessas ideias; médicos, enfermeiros, professores e diretores, Instituições escolares, famílias, revista e imprensa local, todos juntos e unidos em prol dessa civilização e organização social, orientados ao rumo do progresso. Pequenos cidadãos civilizados no hoje significavam homens civilizados no amanhã.

Podemos perceber como os prédios, escolas e médico-pedagogos, agiam em prol dessa modelação do corpo do sujeito, numa tentativa de criar uma nova composição educacional, que tivessem essa, para além de sua missão, sem resumirem seu papel educacional, tendo a vida escolar como uma forma pastoril de cuidar e proteger seu rebanho das mazelas sociais, combatendo através de práticas educativas saudáveis esse discurso saneador: Patos em Revista (1938, p. 3) nos lembra:

[...] O professor completa apenas as lacunas deixadas pela a educação domestica, melhor orientando as creanças (sic) e proporcionando-lhes methodicamente conhecimentos que as induzem a applicar no lar e na sociedade o que na escola lhes é ministrado. E' os senhores paes que cabe zelar melhor pela hygiene dos educandos, fazendo-lhes advertencias que os incite a por em pratica os deveres que dizem respeito á conservação e melhora das condições phisicas e organismo. [...] (1938, p. 3)

Portanto, era dever dos pais e da sociedade zelar pela saúde dos seus filhos. A escola apenas preencher as lacunas deixadas por estes. Então pais e famílias deveriam estar atentos aos seus deveres, para que assim todos pudessem viver felizes. Pois caso isso não fosse realizado a educação não surtiria seu efeito almejado, a ideia de uma sociedade limpa, organizada e orientada ao desenvolvimento. Então pais de famílias, derams as mãos para que fossem feito uma educação de qualidade, todos juntos e unidos em prol da educação e da saúde.

Tendo assim com essas medidas, objetivo de instituir na sociedade patoense uma nova cultura que viesse a mudar hábitos e comportamentos, tudo em prol dessa tentativa de higienizar e tornar uma sociedade homogênea e mais dócil em prol da ordem e do nosso progresso, interventor Dr. Firmino Ayres Leite, filho do Dr. Inocêncio do Piancó e enteado do Coronel Miguel Sátyro, que permaneceria na referida atribuição até 1930, antenado ao discurso saneador, arborizou a cidade, criou regras e condutas organizadoras da sociedade, reorganização do espaço urbano, iluminação pública, alinhamento de ruas, combate a salubridade nos espaços públicos.

Ligados as ideias Varguista o então administrador passou a determinar nas escolas patoenses, que fossem feitos diariamente os exames físicos e mentais necessários para um bom comportamento. Segundo Bertolli (2000, p.37) sempre que eram realizados tais exames e constatados problemas físicos ou mentais os mesmo eram tidos como o excluído da sociedade e destacado como inimigo da pátria. Segundo o *Jornal A União* (1944):

Nesse dia Patos despertou no uso da velha praxe da salva de 21 tiros. Era o convite a população para as festas. Assim as 7:30 horas as ruas se mostravam movimentadas. Desfilavam pela via publica o Ginásio Diocesano de Patos [...] e o Colégio Cristo Rei em direção a matriz para ouvir a missa campal celebrada. [...] Após o encerramento da parte religiosa, ocorreu um cerimonia de hasteamento da bandeira na Prefeitura Municipal [...] Em seguida foram para na estação ferroviária inaugurar o trecho (ferroviário) que liga Pombal a Patos.

As festas, as marchas, os desfiles escolares saudavam o novo tempo que se iniciava com a chegada da saúde. Era a própria ruptura com o passado e com os tempos de atraso em relação aos outros centros educacionais. A elite orgulhosa do “*novo, saudável, do médico, do limpo e higiênico*”, anunciava as recentes formas de se estabelecer vínculos com a modernidade e com o espaço citadino. Vendo nos desfiles cívicos, uma forma de mostrar para a sociedade patoese o novo modelo de corpo, atento ao discurso dos médicos pedagogos.

Promovendo uma ação higiênica no espaço escolar da “Capital do sertão”, uma vez, que, para que a mesma fosse considerada desenvolvida- deveria ser uma ação de todos e para todos, com uma única forma de salvação, sendo assim, combater todas as mazelas sociais, (doença, negro e a falta de higiene e também a falta de obras arquitetônicas com a medicalização do olhar) como também as mazelas do corpo, inscrevia novos códigos de sociabilidade pautados na ação para a população citadina. O

olhar do médico, o olhar moderno desenvolvia e produzia novas práticas salvadoras para a cidade.

Vários foram os projetos modernistas no espaço escolar na cidade de Patos, que visava uma melhoria do bem-estar da saúde. Pois se era afirmado em público que era função dos políticos em cuidar e promover a saúde e educação do povo, criando sujeitos disciplinados, assépticos e saudáveis e autogovernados.

Em 1937 o Ginásio Diocesano de Patos tem sua inauguração, prontamente instalados em prédios adequados, se poderia agora pensar em um ensino de qualidade e orientado ao progresso. Para o bispo diocesano o monumento arquitetônico representava um “grande passo [...] no caminho do progresso” (FERNANDES, 2003, p. 08).

O novo colégio estava devidamente equiparado ao Colégio Pedro II, que servia de exemplo para todo o estado brasileiro e todo sistema escolar que pensava em organizar o ensino. Caso esse particular do então criado Colégio D. Aduato, onde mais tarde seria chamado de Colégio Diocesano de Patos.

Podemos assim destacar, que o mesmo fez uso do discurso da saúde e do limpo e higiênico, rotulado durante boa parte do século XX. Para tanto podemos destacar um poema recitado pelo aluno do colégio Diocesano da cidade de Patos, nos anos 1940, como afirma Fernandes (2000, p. 22):

Uma menina bonita passa além. Bem penteada bem limpa e diretinha.  
Um olhar de todos sinceros ali convém. Porque a jovem que passa é probresinha. Ricas colegas com certeza têm inveja. Porque a jovem se sorte tão mesquinha. É bonita que todas aqui ali vêm. A criatura humilde e coitadinha. E a pobrezinha que passa humildemente. Cumprimentando as rivais com atenção. Elas respondem com desprezo e secamente. Sem ter da simples caridade uma noção. Apenas eu sou que lamento eternamente. Porque possuo um humilde coração. (2000, p. 22)

A mocinha antes de tudo era pobre, porém bem limpinha e muito penteado, que teria assim o direito de ser estimada por todos, criando nessa perspectiva a imagem do pobre, porém limpo e saudável. Para tanto, uma jovem ser considerada digna de adoração teria antes de tudo que está bem vestida, principalmente bonita, pois o feio vai sendo posto para a sociedade patoense como aquilo que não se queria, como o irregular e digno de desprezo. Portanto bonito e bem arrumado seria o certo e poderia lhes custar vários ideários de adoração e estimo social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda assim, antes dos alunos serem matriculados deveriam seguir as regras de conduta higiênica exigidos no ato da matrícula. Podemos perceber que era dever do alunado a obediência aos seus professores, nenhum aluno poderá frequentar casas de jogos, teria que cumprir fielmente os horários ditados pelos diretores, sendo aos mesmos exigidos o uso de uniformes bem como: “Uso de camiseta branca e gravata preta, calças cáqui, cuecas, sapatos pretos, calções para Patente, sacos para separar as roupas sujas, escova de dente, espelho e pasta e sabonete” (FERNANDES, 2000, p. 25).

Tudo na tentativa de organizar e disciplinar a sociedade patoense. Pois a ordem era higienizar as teorias sociais e humanas, sendo assim a prática educacional do Ginásio Diocesano da cidade não ficou fora dessa higienização. Higienizar era o discurso da elite vigente da cidade de Patos.

Podemos assim perceber que durante metade do século XX (1922-1945) a elite social burguesa tratou de pensar na ordem médica sanitaristas como formar de higienizar e organizar a cidade de Patos dos anos XX.

Nessa, ideia, as escolas patoense, foram assistidas historicamente em uma ideia estética, pautada na ordem, na higiene e na beleza. Sendo assim a estética toma uma fator importante e decisivo no estudo dos sentidos e das sensibilidades. Essa ideia justificasse as práticas modernizadoras e saneadoras na ciência do século XIX. Uma sociedade limpa e corpos sanados justificaria a progresso de uma sociedade ou de um povo:

A formação adviria de tudo que poderia emergir na nossa inserção biológica no mundo. [...] Por isso é constante em periódicos educacionais do final do século XIX ênfases tais como na educação da vontade, para a paz, do desejo a paz, do desejo da mulher, para o trabalho, estética ou física. [...]” (OLIVEIRA. 2012. P. 10)

Fatos que marcaram de forma forte e decisiva a educação desse período, classificadas como Escola Nova voltada para um educação renovadora, onde os sentidos fundamentais da vida poderiam passar por uma educação, o corpo ganharia relevância política na busca da conformação de corações e mentes, então esse novo espaço escolar, apontaria para o modelo higiênico e no discurso sanitarista, uma arma perfeita na construção de uma nova sociedade, afastados das mazelas sociais que teimavam em cultivar no corpo no sujeito a morada do atraso.

## REFERÊNCIAS

ADAM, Philippe. **Sociologia da doença e da medicina**/Philippe Adam; Claudine Herzlich; Tradução de Laureano Perlegrin-Bauru,SP: EDUSC,2001.

BERTOLLI FILHO, Claudio. **História da saúde pública no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2000. 71p

CAPIVAROL, Almanache 1936. Anno 17. Rua BARÃO de ITAIPU-17 Rio de Janeiro.

COMERCIO, O Jornal. **Caráter Modelador da Educação**. Campina Grande. Ano 1932, p 28

COSTA. Jurandir Freire. **Ordem medida e norma familiar**/ Jurandir Freire Costa-Rio de Janeiro: Edições Geral (Biblioteca de Filosofia e história das ciências v.nº5)

DÁVILA, Jerry. **Diploma de Brancura. Política social racial no Brasil – 1917-1945**. São Paulo: UNESP,2006, p. 17-93.

DIWAN, Pietra. **Raça Pura: Uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. São Paulo: Contexto, 2007.

DIA, O. **Saúde e Robustez**. Parahyba- João Pessoa- 13 de agosto de 1935, p 02.

FERNADES, Flávio Sátiro (1942-) **Na rota do tempo- Datas, fatos e curiosidades da história de Patos/Paraíba**. Flávio Sátiro Fernandes.- João Pessoa: 2003.Imprell Editora.

\_\_\_\_\_. **Subsídio para a história do ginásio diocesano de Patos.** Flavio Sátiro Fernandes. João Pessoa 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FREIRE, Jurandir Costas. **Ordem médica e norma familiar.** Rio de Janeiro: Graal, 1983

GOIS, Junior Edivaldo. **Movimento Higienista da vida privada no Brasil.** Consciência e saúde, São Paulo. V.1, n. Agosto 47-52 2002

HORA, Dayse Martins. **Medicalização Escolar e Modernização da Nação: 1930-1945.** Artigo. Disponível em:  
[http://WWW.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigo\\_frames/artigos\\_o34.html](http://WWW.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigo_frames/artigos_o34.html).  
Acesso em: 20. Abr. 2011

LUCENA, Damião. **Patos de nossa senhora Daguia.** 2ª edição histórica. 2003

\_\_\_\_\_. **Patos em revista.** 2005 edição histórica.

**Metodologia do ensino de educação física/coletivo** de autores. – São Paulo: Cortez, 1992. – (Coleção magistério. 2º grau. Serie formação do professor)

MORAES, Eliane Robert. **O corpo Impossível-** Eliane Robert Moraes. SP. FAPESP Iluminares 2002.

NOVO, Jornal Brasil. **Escola Normal de João Pessoa em Campina Grande.** Ano 1931, p 06

NOBREGA, Geralda Medeiros. **História de Patos: 1985 Paraíba 400 anos.** Edição –co-edição: comissão do IV centenário prefeitura municipal de Patos. NDIHR/UFPB. João Pessoa GRAFSET, 1985.

ORTEGA, Francisco. **O corpo Inserto: Corporeidade, tecnologias médicas e cultura e contemporânea.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PAROCHIAL, Jornal Voz. **Organização do Espaço Urbano.** Ano 1925.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Grupos escolares na Paraíba: Iniciativas de modernização escolar 1916-1922.** IN VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). Grupos escolares: Cultura escolar Primarias e escolarização da infância no Brasil (1893-1971).Campinas: Mercado das Letras, 2006.

**Políticas do corpo/Organização** Denise Bernuzzi de Sant’Anna. – São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

REBATE, O. **Importância da Beleza. Campina Grande.** 1943, 01.

SANTOS, Ricardo Augusto. **Quem é bom já nasce feito? Uma história do eugenismo de Renato Kehl (1917-37)**. Itellectus (UERJ). V ano 04, n. Vol. II p, 14, 2005

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. **Corpos hígidos e o sujo na Paraíba (1912-1924)**. Rio de Janeiro: AMCguedes, 2015.

SCHWARCZ. Lilia Moritz, **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil-1870-1930**/Lilia Moritz Schwarcz.- São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SECULO, O. **Escolar Militar 243. Cidade de Campina Grande**. Ano 1928, p 01.

SECULO, O. **Importância da família com a higiene**. Campina Grande. Ano 1928, p 03

SIMNHA, André. **A consciência, do corpo ao sujeito: análise da noção: estudo de textos: Descartes, Locke, Nietzsche Husserl/André Simha; traduções de Ephraim Ferreira Alves**. Petrópolis, RJ: Vozes,2009.

UNIÃO, A. **A maior descoberta para a mulher- Fluxo- Sitatina**. João Pessoa. 6 de janeiro de 1940, p 06

VAGO, Tarcisio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos: educação física e gymnástica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário** de Belo Horizonte (1906-1920). Bragança Paulista: Editora São Francisco, 2002.

VENTURA, Roberto. **Civilização nos trópicos?** In: *Estilo tropical: História cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIGARELLO, George. CORBIN, Alain (org.) **História do Corpo III**. As mutações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2006.

WANDERLEY, José Permínio (1901-1980) **Retalhos do Sertão**. 2.a. edição. Patos, Fundação Ernani Satyro, 1994.1-História-Paraíba-Sertão I-T II-S. Biblioteca de História Municipal CDU 981 (813.3).